

N.
64



○ RISO ○

Preço
\$200



AGOSTO



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO Á VENDA :

Album de Cuspidos 3ª Serie	1\$000	»	Como ellas nos enganam.	600 réis
A Familia Beltrão	1\$500	»	Uma Victoria d' Amôr	600 »
O Chamisco	1\$500	»	Horas de Recreio	600 »
Variações d' Amor	800	»	Barrado	600 »
Comichões	800	»	Velhos gaiteiros	500 »

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um	200 réis
Seis	1\$000 »
Pelo correio	1\$500 »

O CHAMISCO ou **O querido das mulherès**
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

No proximo mez

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SINHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500
PELO CORREIO 2\$000

Rio de Janeiro, 8 de Agosto de 1912



Semanario artistico e humoristico

NUM. 64

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II

SADA YACCO



que ultimamente se exhibiu no "Palace Theatre" e que fez as delicias dos frequentadores do elegante "music-hall", mostrando-lhes a perfeição de seu corpo esculptural.

Sada Yacco foi a iniciadora do "nu artistico" no palco brasileiro.



O PISO

CHRONIQUETA

Mais desastrosamente não podia eu dar começo á *Chroniqueta!* E como não havia de ser assim, si eu coméço esta *gronga* pelo grande desastre da Central?

Realmente, parece incrível, custa mesmo a acreditar que aquillo se tenha dado tão perto da Estação inicial e que tantas mortes causassee, além das que se não sabe, pelo sumiço dado aos cadaveres.

O caso é que apesar dessas *bellezas* todas o ineffavel e ultra-azarado conde De Frontin continua a *dirigir* aquella joça, provavelmente até descobrir o celebre *complot* (Deus o perdôe!) ou então até acabar com o canastro do ultimo desgraçado que se lembrar de viajar por ali.

E por falar nisso: é o leitor por acaso morador nos suburbios? Pois si é, peço-lhe pelas alminhas para não viajar pela Central; viaje de preferencia nos bondes da Ligth; é menos perigoso e eu talvez cave algum *arame* pela propaganda que estou fazendo, o que não é nada mau nos tempos bicudos que correm... Depois, não é só o interesse da cavação que me move a induzir o leitor a não viajar nos trens: move-me tambem o sincero desejo de o ver sempre rijo e são a ler as minhas massadoras *Chroniquetas*. Esta é que é a verdade purinha da silva.

Imagine o leitor que um dia vae num trem, e a paginas tantas ha um desastre dos diabos que o faça ir (o diabo seja surdo!) sim, que o faça ir desta para melhor? Qual não seria o meu pesar ao saber disto e ao ter a certeza de que teria de escrever para ser lido por um cadaver?

Nada disto, meu amigo! Mil vezes os bondes da Ligth!

Quem diria que o dessapparecimento do *arame* dos celebres caixotes ainda havia de acabar num assassinato e na consequente descoberta de toda a malandragem?

Franqueza, esse serviço tão mal acabado nem parece ter sido feito por quem já fizera o *servicinho* da substituição do dinheiro por milho e travesseiro! Maior prova de desaso não podia ter dado o immediato Barata, matando aquelle homem, na occasião em que procurava enterrar o dinheiro ganho tão *honestamente!*...

O que elle arranjou com a precipitação foi enterrar-se a si e aos companheiros de *trabalho*. Poz a igreja por terra, o grande palerma.

Agora, como dizia o outro, é *cuspir*

na mão e botar fóra. Tinha o passaro seguro não o deixasse fugir. Por isso quem vae agora para a *gaiola* é elle.

Mas que grande patife nos sahiu tambem aquelle barbeiro do Andarahy, o tal Antonio Martins de Carvalho, esse miseravel pae, autor da deshonra da propria filha!

Sim, senhor! já é ter coragem!

Para um bandido destes, porque outro nome não tem, só um castigo devia haver: era a empalação, como costumam fazer os selvagens. Garanto-lhes que se empalasse um camarada destes, em praça publica, nenhum pae se atreveria mais a fazer o que elle fez.

Só a lembrança de que seriam forçados a sentarem-se sobre um *espeto* comprido... faria tremer os incestuosos!

Entre os varios *suicidios* havidos na semana, um houve que mais prendeu a attenção do chronista; foi o do *rower* Osman Franklin.

Pobre rapaz! tão forte de musculos e tão fraco de espirito!

Elle, acostumado talvez a remar contra os embates das ondas, não sôube resistir aos embates da paixão que o devorava, e num momento de desanimo, por não querer dar mais algumas remadas que levassem ao marco vencedor o fragil batel da existencia, deixou-se vencer, preferindo ir habitar o Além!

Pobre rapaz!

Do registro *policial* dois factos se destacam: um delles foi a respeitavel gata amarrada pelo João Costa, vulgo *Viola*, que devéras entrado na *canninha*, deu para fazer uma arrelia dos diabos ahi numa zona qualquer, acabando por *desafinar* por completo e indo dar com os costados no estado maior de grades do respectivo districto policial.

Só no outro dia é que o *Viola* viu o estrago que tinha feito no instrumento, pois estava com a pinha rachada.

O outro caso foi a dentada que o Antonio Rodrigues deu no dedo pollegar do José dos Santos, quasi o decepando.

Mas que lembrança teve o gajo! Entretanto podia ser muito peor; podia dar-lhe para morder, não o dedo, mas a orelha, o nariz ou mesmo a cabeça do Zé, então o descalabro seria muito maior, com certeza.

Ainda bem que o camarada só se lembrou de lhe morder o dedo!...

Deiró Junior.



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remittida á sua redacção á

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis

Nos Estados.... 300 réis

Numero atrasado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital. ... 10\$000

Exterior.. 12\$000

Uma desvantagem

Ha bem dez annos, aconteceu-me uma singular aventura que me encheu de duvidas sobre a minha intelligencia, ou antes: deu-me a quasi certeza de que, em certos casos, não é lá muito conveniente ser um animal racional.

Tinha eu dezeseite annos e sahira naquelle anno do collegio para me matricular numa escola superior.

Residia numa pensão familiar em companhia daquella gente que tantos romance têm descripto.



Entre ella havia uma pessoa particularmente interessante. Era uma bella senhora dos seus quarenta annos, viuva, que acudia pelo bello nome de D. Zuleika. Creio que vivia de suas rendas e não tinha filhos.

Logo que me installei na pensão, ella me chamou a attenção. Devem os senhores ter reparado que os adolescentes timidos, aquelles que não apoquentam as criadas, esperam que a sua iniciação no amor, no grande amor, seja feita por uma viuva.

Tambem esperava isso, mas a minha timidez não promettia ir mais longe do que olhar por baixo dos olhos para o rosto moreno de D. Zuleika, para a sua bocca breve e fina, para o seu nariz irregular e petulante.

Passei mezes nessa contemplação e a pensar nas venturas que aquella bella viuva me poderia dar.

Não atava nem desatava; não me animava a lhe escrever; quasi não trocava palavra com ella. Entretanto, eu a amava.

Uma noite, estava atracado aos meus compendios, quando me batem á porta de manso. Vou abrir e dou com D. Zuleika. De emoção quasi desmaei e mal pude balbuciar:

— Entre.

Ella entrou e, muito naturalmente, sentou-se.

— Estava estudando? perguntou ella.

— E' verdade, respondi bestamente.

— Em que anno está?

— No primeiro.

— Que idade tem?

— Dezesete annos.

Estava vendo que o nosso dialogo não ia passar de um interrogatorio policial. Ella, creio que pensou o mesmo, pois disse:

— Você (notem bem) ha de me desculpar. Estava já deitada... Como vê, estou em traje de dormir... Estava já deitada, quando tive necessidade...

— De que? apressei-me.

— Não sabe? Então você não sabe?

— Não, senhora.

— Pois fique sabendo que, no mundo, só ha um ente que não sabe a necessidade que tive: é você.

Adeus, meu filho; e deixa um pouco os livros e vê como a vida se faz eterna.

Xim.



O Divorcio...

Sendo eu feroz celibatario,
E tendo horror extraordinario
Aos compromissos do consorcio:
O mais convieto partidario,
Sou... do Divorcio!...

Quando a mulher vê seu marido
Ter um «rabicho», algo comprido,
Por um peixão... torce-o, retorçe-o...
De fórma tal, que é resolvido:
Logo... o Divorcio!...

Si a esposa é joven mui damnada,
E o velho esposo não dá... nada...
Por mais que á... coisa, a cuja fórce-o,
O «fim final» d'essa embrulhada:
— E' o Divorcio!...

Casado ser, mas ser solteiro;
Solteiro ser... não verdadeiro...
Ao fim das contas, é... consorcio.
Por isso, exclamo eu prazenteiro:
— Viva o Divorcio!

Escaravelho.

O PISO

FILMS... COLORIDOS

Disse-nos o Vianninha, do Chantecler, que o Antonico Le Bargo tem se tornado um verdadeiro e fervoroso devoto de Baccho, devido a Marieta Italiana.

A ser verdade, é caso para se dizer: paixão é o diabo, seu Antonico!...

—Segundo soubemos pelo Cartola, o Natal Kiosqueiro anda mostrando a toda gente uma lista de compras que fez, de mantimentos, para a velhota que diz respeito a alguém do Rio Branco.

Li a Leonor sabe disto, temos que ver o Natal dansar de velho!

—Pelo que nos disse o galão Mattos Intrumencias, do S. José, o auto em que a Sylvina embarcou com o Assombro na noite em que barrou o *carneirinho*, era o de numero 1422, por signal que iam acompanhados pela Belmira e pelo cãosinho que acode pelo nome de *Zázá*...

Sim, senhor! que bella reportagem!

—Garantiu-nos um má lingua que o Tavares *Girente* do Rio Branco adquiriu dois *peignoirs* no Storino (em nome de quem?...) e fez presente delles ás coristas Modesta e Altavilla.

Ha, porém, quem garanta que o negocio é outro...

—Diz a Trindade Zaz-Traz que a Angelina Lingua de Sogra está cada vez mais se aperfeiçoando no exercicio do cargo que ora occupa, de «fiscal de vehiculos...»

E o que tem a Trindade com a historia? Não vê que isto é *do mundo*?...

—Consta que o Passos Chininha, do Chantecler, está precisando entrar em uso do *Mucusan*, para ver se livra dum medonho *esfriamento* que apanhou...

Mas com que azar anda o camarada, livra!

—Contou-nos o Natal Kiosqueiro que o Cartola vai todas as noites depois do espectáculo até á Villa Ruy Barboza, com uma parte de conversar com os guardas d'ali, mas a verdade é que elle vae ver si faz uma *modesta* fala a alguém...

E o que tem o Natal com isso?

—Garantiu-nos o corista Fuma-Gallos, do S. José, que o Domingos já completou o curso de mestre de choreographico.

Tambem já não era sem tempo!

—Soubemos pelo Rosas electricista que o Campos Camarão Secco viu-se abarbado com a Carmen, por causa das ciuadas desta com a Julia.

E', o Campos vae tomar as suas cervejas com a Julia e depois não quer que a Carmen dê o desespero!

—A' ultima hora informaram-nos que o Eduardo guarda-livros havia entrado em accôrdo com o Tavares *Girente* relativamente á Modesta e a Altavilla.

O Eduardo, disse-nos o nosso informante, ficará de posse da primeira, e o Tavares com a segunda.

—Disse-nos o Armando Estomago de Avestruz que o *coronel* jurou não convidar mais á Palmyra para jantar, porque a *zinha* é um garfo de respeito!

E a camarada dizia estar sem appetite... imaginem si o tivesse!

Operador.



Soneto

Priapo, o grande Deus da Bandalheira,
Estando um dia muito aborrecido,
Tomou uma tremenda bebedeira
Para ver se ficava distraido.

E como não gostou da brincadeira,
Foi ao probó Noé, e entristecido.
Queixou-se, que ficou de tal maneira,
Depois de fortemente ter bebido;

Que vendo Venus, sua deusa amada,
Na sua alcova toda perfumada,
Com os dois niveos seios a brincar:

Não se tornara lubrico de goso,
Pois vendo aquelle corpo tão formoso,
Não tivera vontade de gosar.

Dom Perninhas.



Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

20, RUA SARA, 20

Telephone Central 2218

RIO DE JANEIRO

O Piso



Piadas de S. Ex.

“— Attendendo aos insistentes pedidos que por diversas familias nos têm sido dirigidos, para que continuemos a reproduzir aqui as admiraveis piadas da autoria de S. M. El-Rey da Beocia, resolvemos dar-lhes duas hoje, que vão por conta de outras mais, que lhes daremos a seguir...”

Ellas ahi vão.

— Antes de subir ao *throno*, isto é, antes de lhe ser mettido nas mãos (no lombo é que devia ser...) o *sceptro real*, sob cujo jugo e prepotencia ficariam mais tarde os infelizes habitantes da Beocia, quiz S. Ex. exhibir a sua nulla, apagada e simiesca figura por alguns paizes europeos, e nesse proposito preparou as malas e fez-se de de viagem a bordo de um paquete que então havia, por nome *Nile*; nome esse, que, como sabe o leitor, pronuncia-se *Naile*, em inglez.

S. Ex. que, mal comparando, falava o inglez como uma vacca hespanhola, ao ver o nome do paquete, leu em voz alta, pronunciando-o tal qual se escreve; facto este que levou um dos membros da comitiva a explicar-lhe que a vogal *i* tem tam-

bem no inglez, o som de *a i*, e que, portanto, era *Naile* e não *Nile* que se devia dizer-

Recebida a lição, poz-se S. Ex. a passear pelo tombadilho do paquete, a admirar a vastidão do mar, quando alguem se lembrou de lhe offerecer uma dessas cadeiras de lona, proprias para viagem, afim de que o nosso homemzinho descansasse um pouco.

Ante a gentileza da offerta daquelle estranho, S. Ex. esboçou um ligeiro sorriso e retrucou, muito cheio de si:

Obrigado, *cavalleiro*; eu tenho tambem ali uma cadeira de *vaimé*.

.....
Tratava-se da cadeira de vime levada para bordo por S. Ex. á qual, na sua alta sabedoria, entendeu chamar *vaimé*, em inglez, após á lição que recebera.

Um portento, S. Ex....

— Ao contrario de quasi toda a humanidade, que é naturalmente propensa a gostar dos animaes domesticos, S. Ex. detestava-os, sinão a todos, pelo menos na sua maioria, e por isso não os tolerava de modo algum.

A sua maior ogerisa, entretanto, era pelos cães. S. Ex. tinha uma extraordinaria e mal comprehendida aversão pelo mais fiel, o mais devotado amigo do homem; e tanto assim era, que, para dar uma pallida idéa da raiva que lhes tinha, basta dizer que, quando S. Ex. porventura manifestava o seu rancor contra um inimigo qualquer que lhe cahisse nas garras, dizia sempre:

— Aquillo é um patife! Não merece piedade e deve ser tratado como se tratam os cães!

— Aconteceu, porém, que, certa vez, um beocio qualquer sim, sendo filho da Beocia, deviaser beocio por força — teve a lembrança de offerecer a S. Ex. um exemplar canino de pura raça, um bello e grande cão, que apesar das suas quatro patas era muito melhor do que quantos cães de duas patas só que por ahi andam...

Julgava o pobre beocio cahir nas boas graças de Sua Magestade, offerecendo-lhe um cão, mas passou pelo disabor de se convencer do contrario, ouvindo de S. Ex. o seguinte:

— Póde levar o seu cão outra vez. Não o quero porque com certeza não o poderia supportar. Os cães latem muito e eu não gosto de animaes *latentes*.

E venham depois dizer-nos que S. Ex. não tinha mesmo talento p'ra burro!



PANTHEON DOS

«IMMORRIVEIS»...

Iniciando hoje esta secção, temos unicamente em vista prestar a devida homenagem aos illustres *poetas*, cujas *produções* nos são enviadas em grande numero, e as quaez, pelo seu *extraordinario* valor, só podem figurar em logar de destaque, para que se não confundam com as produções dos miserimos vates cá de casa, ou mesmo, com as dos que, embora não sendo da casa, nos honram com os seus modestos trabalhos.

Repetimol-o : aqui só figurarão os *bêrsos* dos *Poetastros*, dos *Immorriveis* ; os outros que se contentem mesmo com um cantinho qualquer do nosso jornal, como nós também nos contentamos.

Está, pois, inaugurado o «Pantheon,» já hoje *honrado* com *sonetaria* abaixo :

Louco aneio

Sinto nas veias requeimar-me o sangue,
Quando a imagem tua me apparece,
Todo o meu ser de goso se enlanguesse,
Fico sem forças, alquebrado, exangue.

Como uma lava percorrendo o sangue
Sinto um desejo louco, que entontece,
Que ás vezes penso, creio, até parece,
Ter aspirado muito lang-Lang.

Louco eu sei que sou ; Que tem ? Se já não posso,
Por mais que empregue o maior esforço,
Calar no peito este desejo louco.

Esta loucura me domina ao pouco,
Prende minh'alma, pois o tal desejo
E' de gozar-te, devorar-te aos beijos.

TUPY DO BRAZIL.

Ahi tem feita a sua vontade, *seu Tupy* ;
não podiamos ser mais gentis, não é verdade ?

Agora diga-nos uma coisa : é verdade que você sabe que é um louco, tal qual confessa no seu *soneto* ? Sabe mesmo ? Pois si sabe, recolha-se immediatamente ao Hospicio, porque você a fazer versos destes ainda acaba mais maluco e a sua familia não sabe.

Ahi vae outra *preciosidade*, da autoria do actor Carlos Leal, que nol-a enviou, pedindo a sua publicação, e tem sido recitada num quadro da revista *Perdeu a fala!*

«Não posso deixar de apparecer
Neste festim Luso-brazileiro,
E o meu amor venho offerecer
A este povo audaz e guerreiro.

O phrygio barrete bello e altivo
Já encima heroico o frontal
De um povo que foi decisivo
Em livrar-se do jugo real !

Avante ! joven patria livre !
Não deixes o inimigo impune
Para verdes como uma nação vive !

Já que sois bravos, de tempera rara,
Vinde ao lemma que tudo nos une,
Junto a nós, que nada nos separa !»

E não cae um pedaço de céu velho
sobre o lombo de um camarada destes !

Porque é que o sr. Leal em vez de se metter a *puêta* não se limita ás suas macaquices em scena ? Isso de fazer versos á bruta, fal-os qualquer... *bersejador*, percebeu, *seu Leal* ?

Para finalizar ahi vae mais um, também digno de luminarias

Soneto

Escondida do sôl que estava quente
Debaixo de frondosa laranjeira,
Lavando, ella cantava docemente
Com voz sonora, limpida e fagueira.

Cheguei-me perto della e derrepente,
Ia furtar-lhe um beijo, quando a arteira
Virando uma toalinha, do sôl quente,
Deixou-me o rosto qual saboneteira.

Caçou depois, da cara que eu fizera
Riu-se, bastante com prazer infindo...
Mostrando assim, instinto de panthera.

Vendo-me triste, prazenteira e terna
Num movimento voluntario, rindo,
Deixo-me ver a mais formosa perna.

Pirajú, 29—7—912.

ANTONIO LUIZ LAGO.

Com que então, voce, *seu Lago*, chegou-se ao pé da pequena—que por signal é uma lavadeira, não é verdade ?— e ia furtar-lhe uma beijóca, quando por seu azar a desastrada virando uma *toalhinha* (?) deu-lhe com ella na cara, deixando-a «qual saboneteira, hein ?

Pois olhe, muito feliz foi você, ouviu ? O que ella lhe devia ter dado era um par de sopapos pelo seu atrevimento. Se o fizesse, com certeza você não viria contar isso num *soneto* desta ordem.

Felicidade conjugal

Tendo encontrado o meu amigo Matos, que se casara recentemente, perguntei-lhe:

—Como te vaes dando com o novo estado?

—Maravilhosamente!

—Então acertaste?

—Acertei e estou deveras satisfeito.

—Parabéns.

—Obrigado. Imagina tu que brigo com a minha mulher todo o dia, de manhã e á noite.

—Porque?

—Por todos os motivos. Quando um casal quer brigar, sempre ha motivos.

—Um delles?

—Suppõe que eu digo á minha mulher: Eulalia, a lavadeira já trouxe os collarinhos? Ella responde amuada: por acaso eu sou a lavadeira? Respondo docemente; sei bem disso, mas essas coisas são de tua competencia.

Por ahi vamos; ao fim, ella grita: maldita a hora em que casei com homem tão impertinente!

Saio, para não augmentar o meu desgosto e quando volto, á tarde, e vou jantar, ella já está disposta e, se lhe pergunta se não fez feijão, ella rompe: é isto, mesmo; mostra o que é: só quer feijão!

Na casa de papae, só comiamos feijão, de onde em onde. Bem, filha, acudo eu; sei disso, mas gosto de feijão...

A mulherzinha interrompe: e por isso quer obrigar os outros, não é?

Vivemos assim, como cão com gato; e, para evitar complicações, tomei a resolução de dirigir-lhe a palavra o menos possível; mas a mulher deu em implicar com o meu mutismo. Grita: Diabo leve a hora que me casei! Viver com um mudo!

Continuei no meu proposito e ella, no outro dia, me disse nas ventas: queres saber de uma coisa? Perguntei: Que é? Eu devo fazer como as outras... E sublinhou esse *outras* com ar feroz.

Com toda a calma, indaguei: Porque?

Porque? Porque quero.

Não lhe disse nada e sahi.

Está ahi como sou feliz com a minha mulherzinha. Que achas?

—Maravilhoso!

—Eis ahi a felicidade conjugal.

016.



O Sr. Cruz Sobrinho é um acabado. Quando quer engrossar e prender descobre que toda a gente é desertor da Brigada Policial. Livra!



O Riso

Um sobrevivente

O nosso amigo dr. Frontin acaba de fazer uma grande obra. S. Ex., graças ao seu inaudito esforço e ao seu conhecido talento, conseguiu que dois expressos de pequeno percurso fossem um de encontro ao outro.

Isto, como os senhores sabem, aconteceu no dia 31, na estação de Lauro Müller ou proximidades.

Tal façanha, digna dos maiores engenheiros do mundo, como Lessepss, Fulton, Stepheson e outros, será inscripta nos annaes das nossas glorias, especialmente nas que tocam ás coisas de engenharia.



A' vista de caso tão excepcional, tivemos curiosidade de ouvir alguém que não foi para outro mundo, para servir á gloria do dr. Frontin.

E' um homem pobre, modesto de roupas e profissão, que não conhece nem literatura nem as maravilhosas glorias da engenharia frontina.

— Então, escapou ? perguntamos.

— E' verdade.

— Que acha do caso ?

— Meu caro senhor, eu não sei dessas cousas ; mas o doutor Frontin não tem pena de nós.

— A sua impressão ?

— Não sei dizer bem. Creio que senti que o mundo vinha abaixo. Mas o dr. Frontin...

O homem deixou cahir a cabeça e ficou num instante absorvido.

Resolvemos tiral-o daquella profunda dôr.

— O dr. Frontin é um grande engenheiro ?

— Não ha duvida, mas á custa dos nossos ossos.

— Elle, pensamos, não queria o sacrificio de ninguém.

— Conto, doutor ? Pois si a coisa não tivesse mortos, o seu nome não ficaria celebre.

— Mas, meu caro amigo, elle já poz *agua em seis dias* ; quem mata a sêde de tanta gente não deve querer a morte de ninguém.

— Não ha duvida, mas a agua não appareceu. O dr. Frontin ! Este Frontin !

O homem repetiu o nome do director da Central com o accento de quem fala na Morte.

Theatro d' "O Riso"

Duo da burlata «Forró-bôdô,» cantado pelo actor Asdrubal Miranda e pela actriz Cecilia Porto. Musica da inspirada maestrina brasileira Francisca Gonzaga.

Elle

Não sei porque te amei
Sá Zeferina,
Porque foi que te encontrei
Maldita sina !
E' tão forte esta paixão,
E' tão infrene,
Que eu pareço um lampeão
De kerozene !

Tua côr amorenada
Até parece
Com o moreno da cocada,
Que endoidece...
Eu me sinto desgraçado,
Ai ! podes crê...
Porque vivo apaixonado
por você !

Ella

Seu cantro da madrugada
Você me disse
Tanta coisa apaixonada,
Ai ! que tolice...
Eu não sei lhe arresponder,
Por Deus que não,
Porque vou comprometter
Meu coração...

Elle

Não sei porque te amei
Sá Zeferina...

Ella

Porque foi que te encontrei
Ali na esquina ?...

Juntos

Queima os nossos corações
Chamma perenne
Somos, pois, dois lampeões
De kerozene !...

O PISO.



Dialogo entre um Deputado e um Caipira

Caipira

Diga-me cá seu Dotô :
(Do meu dizê não recrame)
Pruqui foi qui os Diputado
Pidiro omento do «Arame» ?!

Deputado

Era pouco, e um Deputado,
Que *representa* o seu povo
Não pode andar mal vestido,
Nem passar sómente a ovo.

O augmento foi necessario.
O Deputado é um graúdo.
E' preciso que haja «massa»
P'ra o dito provar de tudo.

Caipira

P'ra discurpa do «arame»
Vosmeçê deu bons mutivo.
Mais agora querem mais
Piçui um distintivo.

Vosmeçê me dê razão.
Im veis de tanta vaidade
Era mais bom trabaiaem
Com mais zelo e liardade.

O seu Dotô não tá vendo
As desgraça do Pais,
Onde o crime é quem dá ordis
Ao iscrivão e ao Juiz ?

Deputado

E você que tem com isso ?!
Deixe o «barco» navegar...
E a respeito dos collegas,
E' bom falar de vagar.

O projecto que na Camara,
Foi com prazer defendido,
E' p'ra que seu Deputado
Seja na rua temido.

E' pr'aque ninguem lhe toque,
Nem lhe falte com o respeito,
E' p'ra ficar diferente
De todo e qualquer sujeito.

Certamente a minha vida,
Você a julga feliz.
Puro engano, *os meus trabalhos*
Forçam-me a ir a Pariz.

Vou passar nessa cidade,
Uma boa temporada ;
E quando «o cobre» acabar
Voltarei p'ra essa massada.

Caipira

Bôa viagem, Dotô.
Vá vadiá socegado.
Si ai açim tanta forga,
Eu quero sê Deputado.

Edglobo.

A Familia Beltrão Interessante romance da vida real

PREÇO : 1\$500

PELO CORREIO : 2\$000



Pedido a A. Reis & C.—Rua do Rosario, 99



A consulta

Estava eu recostado sobre um divan, depois do almoço, saboreando um delicioso charuto e gozando os efeitos do celibato, quando oiço bater á porta. O criado pouco depois entrou pelo gabinete e annunciou-me a presença de uma senhora.

—Uma senhora!... Como se chama?

Ignoro, senhor. Disse-me apenas que vinha a um «rendez-vous». Fil-a entrar discretamente para o salão.

Não esperava visita de mulher. Era surpresa; e, com esforço, puz-me a imaginar quem poderia ser. O criado acrescentou:

—E' moça, elegante e bonita.

Compuz meu vestuario e dirigi-me para o salão.

Era uma senhora, de facto; estava sentada, e, apenas me viu, levantou-se.

—Bom dia, doutor.

Estranhei o tratamento. Nunca ouvi chamar um advogado de doutor, mas não vinha ao caso. Comtudo não deixei de devassar com os olhos o corpo de minha interlocutora.

—Mas, minha senhora..., disse-lhe.

—Eu sei, interrompeu ella. Ainda é cedo para a consulta. Estou aqui de passagem, devo partir amanhã, por isso tomei a liberdade de dizer a vosso criado que vinha a um «rendez-vous». Peço-vos desculpas.

Compreendi: a rapariga tinha-se enganado; julgava-se em um consultorio medico. Emquanto falava, eu a contemplava; vestia um costume *tailleur* azul marinho, muito bem talhado; ao peito trazia um grande cravo encarnado; o seio palpitava-lhe de emoção, sob a camiseta transparente; um perfume suave fugia-lhe do corpo.

Não tencionava apoderar-me de um titulo que me não pertencia, tambem não queria desilludil-a immediatamente. Para satisfazer ao mesmo tempo minha consciencia e meu desejo, limitei-me a sorrir e não responder.

—Quem cala consente... retorquiu ella, cheia de esperança. Doutor posso entrar em vosso gabinete?

Sempre silencioso abri-lhe a porta.

* * *

Todos os escriptorios são eguaes. Não ha differença entre o escriptorio do medico e do advogado, do engenheiro e do agiota. São mobiliados segundo um estylo e não para um fim. Diante de

minha mesa ella conservou-se de pé, olhos baixos. Admirei-lhe mais uma vez as formas. Fiz-lhe signal que se sentase e assentando-me tambem, disse-lhe com voz firme:

—Aqui estou para ouvir-a.

—Doutor, começou ella, vossa fama percorre toda a França...

Inclinei-me, com respeito. Ella proseguiu:

—Vossas curas maravilhosas são conhecidas em toda a parte. A conselho de meu marido e meus paes, venho de Rouen para consultar-vos. Sinto, ha muito palpitações de coração; principalmente pela manhã, ao levantar-me. Não sei explicar o que sinto aqui...

Indicou o lugar. Approximei-me:

—Aqui? repeti; e toquei com o dedo; em seguida puz a mão.

—Sim, doutor. Com certeza quereis examinar, não é?

Ah! como foram bem pronunciadas essas palavras! Com que naturalidade! Ora, p'ra os diabos os escrupulos!

Por que motivo ia eu perder tamanha aventura? O que fosse capaz atire-me a primeira pedra!

—Certamente, minha senhora.

Então, levantando para mim seus grandes olhos, perguntou:

—E' preciso despir-me?

—Acho melhor, disse-lhe eu com entusiasmo.

Espantou-se com o modo porque lhe falei. Expliquei-lhe mais baixo:

—E' necessario: para o diagnostico.

Desde que eu a apanhasse despida, diria tudo que se estava passando. Cederia ella?... Serei eloquente; saberei fazer perdoar-me.

Vi-a tirar a blusa e a saia, e logo depois perguntou-me:

—Devo tirar tambem o collete?

—Naturalmente... Vou ajudal-a.

—Tendes pressa, doutor?

—Muita!...

Não esperei mais, sem dizer uma palavra, arrebatadamente atirei-a sobre um fauteuil e abracei-a, abafando seus protestos que se perdiam sob a pressão dos beijos que eu lhe dava em seus labios côr de sangue.

Debateu-se um pouco. Com os olhos cerrados e uma das mãos sobre o peito, ella balbuciava uma queixa. Levantei-lhe a cabeça. Ella murmurou:

—Oh!... meu coração!... meu coração!...

Desfallecia: de terror, sem duvida. Inquieto, levei-a para minha cama. Como reabrisse os olhos, beijei-a novamente com

O Riso

fervor. E suspirando, entre beijos ainda, disse:

— Doutor, como sois máo!... doutor!...

Cahia a noite. Liliane já sabia tudo. Estava perdoado. Bemdissemos a uma voz, seu engano e minha audacia. Contou-me sua vida: não amava seu marido; recusou-lhe um vestido, um simples vestido que era os seus caprichos. Não pude furtar-me então ao dever de offerecel-o.

Ella abraçou-se a meu pescoço:

— Que felicidade! Não sei como vos agradecer. Uma vez que estou em Paris, vou encomendal-o e meu marido não saberá o preço.

— Quanto custa?

— Quinhentos francos. Dai-m'os.

Olhei-a. Ella olhou-me reconhecida. Dei-lhe o dinheiro. Agradeceu-me muito e observou que já era tarde. Pedi que me concedesse uma entrevista antes de partir para Rouen. Concedeu-m'a e marcou-me um almoço para o dia seguinte.

Esperei-a ao *restaurant*, durante duas horas: não appareceu. Em casa, nem uma carta. Como tornar a vel-a? Ignorava-lhe o endereço em Rouen. Nunca mais tive noticias d'ella.

Um bello dia encontrei-me com Bol-luche, um bello rapaz como eu. Palestramos. De repente disse-me elle:

— Meu caro, acaba de acontecer-me a mais agradável aventura...

Era a mesma que a minha. Não o quiz crêr. Deu-lhe tambem quinhentos francos, mas para comprar uma capa de pelles; d'essa vez Liliane era uma joven divorciada, vivendo em Chatou com seus pais.

E assim ella viveu durante muito tempo, explorando sua belleza e o poder fascinador que possuia.

H. F.
(Traduc.)

Campo Santo do "O RISO"

Lápides Lépidas

CONDE PAULO DE F...

Esse engenheiro archi-celebre,
Sportman, mui «verdadeiro»

É muito *Grande Estradeiro*...

Em cartas, planos e mappas:

Teve um fim digno de lastima,

Por todos, muito sentido:

—Morreu, após ter comido

Tres grandes pratos de... de papas!

Ignótus

Efeitos do frio

Um corcunda recolhe a casa numa noite frigidissima; passa em frente da habitação de um amigo, e chama-o da rua.

O outro apparece a janella, gritando:

—Que diabo queres tu a estas horas?

—Fazes o favor de descer cá abaixo, um instante?

—E' muito urgente?

E' sim; tem paciencia.

(O amigo desce, em trajos menores e muito mal humorado. O que o chamou diz-lhe então):

—Fazes o favor de me dizer se a minha corcunda ainda está no seu logar? E' tal o frio que não a sinto!

Escusado será dizer que o outro deu-lhe com a porta na cara e foi deitar-se novamente.



—E's a favor do divorcio?

—Sou.

—Porque?

— Quero casar-me.



O governo continua a ter confiança no dr. Frontin para organisar desastres.



Sem rival nas Flores Brancas e
outras melestias das senhoras

Vidro grande..... 5\$000
Vidro pequeno..... 3\$000

— VENDE-SE EM TODA PARTE —



Cartas de um Matuto

Capitá Federá do Rio de Janero aos 5 dias do meis de Agosto do ano qui tá andando e qui é de 1912.

Ilustre seu Redatô.

Pru via desta eu lhi mando os meus cumprimento, seu Redatô, desejando qui a dita cuja vá lhi incontrá com a mió das saúde e a mais maió das fricidade, apois é o qui eu desejo pra vosmecê cum toda a sua famia.

Ora, apois, munto bem:

Intremo no açunto qui mi obrigô a iscrivinhá estas linha.

E' cum dô no meu coração, seu Redatô, qui eu vô falá nas catastrófe qui tem escangaiado urtimamente a arma do povo, dos noços patriço, dos noços irimão.

Alem do Pais vivê cercado di tantas mizera qui pur todos os lado aparece, firindo o grande coração da noça quirida Patria, qui neste momento está á braços com a intriga, o disrespeito, a calunnia, a dismoralização e o discredito, sofre ainda pur riba os grandes dizastres qui diariamente se dão-se na Istrada de Ferro Centrâ do Brazi.

Curpá o seu Dotô Frontin, eu não curpo, praquê não é ele qui stá peçoalmente promovendo eças disgracas. Não, sinhô. Qui curpa tem ele?!

Naturámente iziste algum inimigo ocurto qui lhi istá fazendo este má, pra mode indispo o homi da Istrada, cum o povo ou cum o governo.

Nem ai duva nisto.

Pra mim, ninguem mi tira da cabeça qui seja a tá «cunpanhia da laite» qui é inimiga ha muito tempo do seu Dotô Frontin.

E o qui é fato é qui quando se deu o dizastre, os bondes da dita cunpanhia apareceram logo arreboçado cum 4 e 5 pra mode comportá o peçoá qui era um bandão qui não quizerum imbarcá nos trem, cum mêdo de otra disgraca.

Foi só se dá o dizastre e os bondes apareceram logo im menos de 5 minutos.

Não parece qui a tá cunpanhia tava só esperando a catrastófe?!

Infin, digam lá o qui quizerem, qui eu penço é qui a marvada da «Laite» tem interece neças disgraca que si dão e si istão dando na Centrâ do Brazi! Quá o interece? — perguntará o leitô — Eu arresponderei: — Ella o sabe e é o bastante.

Mais o qui é precizo é qui o governô abra o oio cum ella e qui dê uma providencia afim de cortá a ambição da «bicha», qui, pela rapidez cum qui anda, não tardará munto a tomá poçe do noço pais.

Si a noça Patria tivesse, ao meno um bom «feitô» — ainda bem, podia a coiza sê otra, mais, porém, cumo não temo, é neceçaro qui o povo tome a peito a defeza dos seus interece, zelando pela tranquillidade da famia brazileira e pela honra da noça patria, amiaçada pelos mais tremendos perigo.

E' pricizo qui o povo cumprenda o seu devê e proceda pelo modo qui lhi ficutá a «Constituição Brazileira.

Cada quá deve tratá di si, apois tamo numa situação calemitoza.

A patria istá só, ninguem lhi ampara, ninguem lhi proteje.

E vosmecê sabe, seu Redatô, a razão praque anda açim tudo disgovernado?!

—E' simples. E' praque não tem governo, nem diputado, nem ministro, nem senadô e nem juiz.

E ondi andam eces homi? perguntará ainda o leitô. Eu arresponderei: Elles andam im Pariz gastando im pandiga o «arame» qui a patria lhi dá pra elle defendel-a, e otros istão aqui mesmo na Capitá, jogando pelos clubi e bebendo chopi no «Ailaife» cum as muieres di «arto-coturno.»

Eis im qui istado si acha a noça patria.

E ainda pru riba o diputado Oriques, Jaques qué tambem passage di graça na Istrada di Ferro.

Inté pra sumana, seu Redatô, si Deus quizê.

C^o Ob^o Att^o

Bonifaço Sargado.

Já está á venda

O CHAMISCO
ou
O querido das mulheres

Preço 1\$500

Pelo correio 2\$000

O Piso



Maneira de conhecer o vinho falsificado

De nosso collega «Os Ridículos», jornal humorístico que se publica em Lisboa, transcrevemos a seguinte receita que muito irá aproveitar aos dedicados amigos de Baccho.

«Compra-se um quilo de carne de porco e tiram-se-lhe as banhas, atirando-se com elas para uma tijela vidrada, cobrindo-se com uma tampa de madeira de pau do ár.

Coloca-se a carne numa caçarola esmaltada, das que vende o Grandela, e tempera-se com alho, vinagre, colorau, etc.

✂ Manda-se em seguida a um padeiro, para meter no forno, á hora da fornada das rôscas finas.

Logo que esteja comivel parte-se em fatias e prega-se com ela na pá.

Deita-se lentão num copo de crista da Marinha Grande, que leve tres litros, o vinho que se quer experimentar, bebendo-se todo o liquido por tres vezes.

Logo que ele chegue aos gorgomilos, deita-se a pessoa debaixo da meza e cose-se a bebedeira.

Se, ao acordar, houver um gosto na boca, a vasilha rançosa, o vinho não presta, se, pelo contrario, apeteecer beber dois, atixa-se-lhe com mais meia lata porque fica aprovado... e com distincção.»

Como vêm os leitores é um excellente meio de conhecer o bom e o máo vinho, apenas um tanto dispendioso.

Nós, aqui no Brazil, não consumimos a mesma porção de vinho, que nossos irmãos de lá. Nosso vinho, aquelle puramente nosso (se bem que seja bebido por todos) é o paraty; porém esse negocio de paraty com carne de porco não vae muito bem, e achamos muitissimo melhor substituir o porco assado pela feijoada completa.

Assim, pois, quando os leitores quiserem conhecer si o paraty é bom ou máo, não terão mais que fazer a receita acima, depois de feita a substituição referida.



Numa aula de physica :

—A materia é impenetravel ?

—E', excepto quando se trata de mulheres.



O dr. Frontin é lenhador e, por isso, chama em seu auxilio a morte.



Os moradores dos suburbios pedem-nos para declarar que se vão mudar para Messina, pelo menos, os terremotos são espaçados e os encontros dos trens são constantes.

A' VENDA



O Album 3^a série
da Bibliotheca de Cuspídos
Linda collecção de 8 bellissimas gravuras.
Preço 1\$000 —::— Pelo correio 1\$500

O Riso

Premières

Já tivemos ocasião de expôr aqui a razão porque só tardiamente podemos noticiar umas determinadas *premières*, mórmente quando estas têm logar numa terça ou quarta-feira, como succedeu com as *Excommungadas*, a interessante burleta adaptada por Osorio D. Estrada, para o elegante Cinema Theatro Chantecler, e cuja *première* se verificou terça-feira transacta, o que nos impediu, como, já ficou dito, de fazermos em nosso ultimo numero qualquer referencia sobre a mesma, attendendo a que o nosso jornal é forçado a entrar com grande antecendencia para as machinas.

Por esta razão, limitamo-nos apenas a registrar a maneira brilhante porque foi interpretada a nova peça ora em scena naquelle theatro, e cujo desempenho mereceu, como de costume, por parte de todos os artistas daquelle harmonioso conjunto, o maximo carinho e cuidado, e seriamos injustos destacando este ou aquelle artista.

Cabe-nos ainda louvar a incansavel empresa do Chantecler, pelo afan com

que procura variar continuamente o seu repertorio, e felicitá-la pelo exito obtido; prova evidente de que o publico sabe corresponder aos seus esforços, compensando-os devidamente — A. S.



Falso Ministro

O padre, como reza a velha tradição
Do velho Vaticano, o eterno mentiroso,
E' de Deus o Ministro amado e poderoso,
E representa Christo em toda a Commissão.

Vaidoso e erguido assim nessa alta pozição,
O clero gosa muito e vive venturoso;
Mas de um nojento modo e meio vergonhoso,
Pois faz do Ministerio impudico balcão.

O' negra podridão do ventre de Tiberio!
Porque é que o Vaticano, (a fonte do peccado)
Não deu ainda até hoje um homem de criterio?!

D'alma eu lamento, ó Deus, o pobre e triste estado
Da tua meiga Igreja, e então de Ministerio,
Eu acho que na terra és mal representado...

Florestan.

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA

N.º 2 PONTA DOURADA

✿ ✿ Luxuozamente preparados para o Bello Sexo ✿ ✿

O PISO

BASTIDORES



O Leal é que não contava por certo com a partida que lhe pregou o Paschoal destituindo-o do cargo de director de scena e ensaiador, atirando-lhe com um outro á cara, assim como quem diz:—«O' coisa, tu estás peor da

perna e não dás conta do recado, portanto, vae versieu estou ali na esquina, sim?...»

A' esquina o Leal não foi, com certeza; mas ás nuvens... isso é que elle foi direitinho!

—Diz o Theodoro dos Santos que o Raphael Marques anda ralado de saudades pelo mestre Augusto, de quem é muito amiguinho...

—O Alberto Ferreira mostrou-nos um telegramma passado ha dias para Lisboa, e cujo theor era o seguinte: «Guilherme. Campo dos Martyres. Lisboa. — Prepara tudo, segue dinheiro. Cordalia.»

Depois não querem que a gente saiba das coisas...

Bem que o Leal contava que todos o acompanhassem quando *fingiu* que sahia do Pavilhão; mas, como todos ficaram, teve elle um rasgo de altivez e... ficou tambem!...

Ahi é que elle foi um Zé Grama Tudo ás direitas, sim senhor!...

—Teve graça a discussão travada entre as meninas Adelia e Helena, na caixa do S. Pedro, por causa de um... *suspiro retroactivo* desprendido por uma dellas, e da autoria do qual ambas se eximiam!

O mais engraçado foi chamarem o Avellar para decidir a questão!...

—Porque será que o Gabriel não quer ninguem no corredor dos camarins das coristas?

Será para que se não veja que a Maria Amor está sempre de sentinella á porta do seu?

—O' Branca, então só si *elle* te der cem libras em ouro é que tornas a tornar?

Sempre estás com uma vaidade, filha!

—Por enquanto o Henrique Alves ainda não começou a guardar as joias...

A data do beneficio ainda vem longe...

—Diz o Raphael Marques que o Theodoro dos Santos tem feito grande sortimento de espartilhos e calças rendadas para seu uso...

—Isso é verdade, ó Theodoro?

—Afinal, o maestro Luz, crendo mesmo que o Leal sahia, fez causa commum com o pandego, sahindo devéras, emquanto o Leal lhe roia a corda, deixando-se ficar e conformando-se com a situação!

Desta vez, parece, o maestro desilludiu-se...

—Quem havia de dizer que até o Thomaz Vieira, o bello Thomaz, tambem está precisando entrar numas injeccões de *Mucusan*, para curar um... *esfriamento*, hein?

Pois até o Thomaz! Parece incrível!

—Disse-nos o John que se a companhia fôr a Santos, ha de ter o cuidado de dizer ao *Braz Cubas* a maneira porque a Julia Graça por aqui se portou...

Estás frita, o' Julia!

—O Leonardo Feijão Fradinho tambem disse que sahia para fazer companhia ao *amo*, mas por fim já estava arrendido da promessa.

Nada! que isso de ficar a pão e laranja não é lá das melhores coisas...

—Quando a *mãã* souber da carta que o menino Mario Santos escreveu á Clarisse Horror á Agua, dizendo-se loucamente apaixonado, é que vão ser ellas...

E' capaz de levantar-lhe as fraldas e... toma que te dou eu!

—A Maria das Neves arranjou agora uma boneca para brincar.

E' justo, tem *brincado* com tantos *bonequinhos*...

—As cem libras que a Branca pretendia apanhar ao Chiquinho do «Tico-Tico» seriam para reaver o cordão d'ouro e o vestido preto empenhados?

Quem nos fez esta pergunta foi a Candida Pauliteira.

—Disse-nos o Madureira que a Tina vae adquirir a pharmacia «S. Geraldo», cujo proprietario lh'a oferece...

Pobre da Maria do Venancio, que ainda pretendia ser vendedora de pomadas e emplastros!...

—Afinal de contas, que papel fez o Leal no meio dessa embrulhada, deixando-se ficar no Pavilhão depois do arraial que fez?

Façam-nos esse favorzinho; digam lá que papel fez elle?

Formigão.

Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhora e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.



SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO II

Num banho de luar, junto da janella, começou a desabotoar o casaco, soltou os cabellos que lhe caíam, esparsos, pelos hombros, envolvendo-a num adoravel manto de setim preto.

Passava gente, em baixo, na rua, sem nos ver, sem que nós a vissemos, sem a ouvirmos.

Despia-se, por completo, lançando ao acaso, para os quatro cantos do quarto, as saias, o vestido.

Quiz descalçar-lhe as botas,

—Não, disse ella, eu só...

E, quando completamente despida, passeou, em toda a sua nudez, sob as caricias da lua, da janella para o leito, por sobre o pobre tapete do quarto.

Os cabellos ondulavam-lhe em volta da cabeça, compridos e tumultuosos. Sorria, e não obstante a sombra que nos envolvia, a lua deixava ver o brilho dos seus dentes lindos.

Desejaria inventar um cantico para celebrar e cantar a radiante belleza da minha amante. Mas, approximou-se de mim e ordenou-me com a voz mais acariciadora, que a imitasse, que collaborasse na sua creancia.

E naquelle quarto illuminado pela lua, á borda do rio que corria murmurando a sua melancolica canção, realisouse a deliciosa e decisiva noite de amor que devia deixar no nosso espirito uma inolvidavel embriaguez.

Trocámos juramento de nos amarmos sempre.

—A tua vida pertence-me, a minha é tua para sempre. Juntos, sempre!

—Juntos, sempre! repetia eu numa deliciosa loucura, quasi inconsciente.

Os prazeres agitavam-se nos nossos sentidos excitados, impregnados de atordoadora luxuria que parecia augmentar cada vez que os cabellos perfumados de Marcella esvoaçavam, brincalhões, sobre as suas nadeegas roliças tremulas, palpitantes... Tinha certo prazer em ser obscena. Teve gestos canalhas, posições estranhas, mas com que ingenua e encantadora

falta de geito! Era a divindade que gosa-va em descer do seu throno, em delicadas e voluptuosas cabriolas, fantasias tão deliciosas que cada uma a reconduzia a esse mesmo throno divino.

Em vez de se aviltar, mais se engrandecia.

—Queria que todos os olhos do mundo nos contemplassem curiosamente como a lua está fazendo, neste momento. —exclamou Marcella num delirio de supremo gozo—para verem como nós sabemos amar!

E sem podermos acalmar os desejos, forçando-os a voltar mais fremente, aniciavamos as desejadas luxurias.

Foi só muito tarde, noite alta, quando a lua nos abandonava, quando os seus raios esbranquiçados deixaram de aureolar as nossas loucuras febris, que adormecemos, sem nos desunir, os nossos corpos enlaçados, mas com os musculos fatigados, alquebrados, como os antigos deuses ebrios com o excesso do vinho!

CAPITULO III

Tendo-me levantado antes de Marcella, estava já vestido quando a preguiçosa se resolveu a começar a toilette da manhã.

Desci para encommendar o almoço.

—Está ali, disse-me a creada, um homem que o espera ha mais de uma hora; deseja fallar-lhe. É o Lourenço.

—O que me quer? perguntei á rapariga, uma bella moça de boas cores e fórmas roliças.

—Não sei. Nada disse.

Sentado a uma mesa, ao centro da sala, um camponez robusto de cerca de trinta annos, bom typo de homem, esperava.

Depois da creada me ter fallado, ergueu-se e approximou-se de mim.

—Desejava falar-lhe, senhor. Mas é melhor sairmos, porque aqui, ouvir-m iam... e isso não me agrada.

—Como quizer.

(Continúa).